



PARÁBOLA: UM GÊNERO LITERÁRIO

(Parable: a literary genre)

Koichi Sanoki *

Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia N.Sra. da Assunção; mestrando em Pós-graduação em Teologia na PUC/SP

RESUMO

Parábola é um gênero literário e seu conhecimento nos apresenta o uso de uma técnica utilizada pelos grandes filósofos para fazer conhecer ou transmitir ideias novas, fazendo analogias ou colocando de um lado um fato conhecido para comunicar algo novo ou incompreensível. Jesus utilizava-se da parábola, constantemente, na sua pregação e no anúncio do Reino dos Céus.

Palavras-chave: Parábola, Reino dos Céus, pregação, gênero literário.

ABSTRACT

Parable is a literary genre. The knowledge of a literary parable makes us cognizant of the use of a technique used by the great philosophers to make known or transfer new ideas by making analogies or putting on one side a known fact to communicate a new or something incomprehensible. Jesus used the parable constantly, in his preaching and in the proclamation of the Kingdom of Heaven.

Keywords: Parable, Kingdom of Heaven, preaching, the literary genre.

INTRODUÇÃO

A pesquisa e o estudo iniciam-se no propósito de demonstrar que existem teses com várias facetas de um mesmo tema. O mestrando deve levantar todas as hipóteses encontradas indicadas nas consultas dos livros listados na bibliografia, e nesta constante procura de informações depara-se com outras bibliografias não constantes como indicadas, e leva a procurar outras vertentes e conseqüentemente gerando mais teses sobre o assunto em pauta “parábola”. Definições da parábola não ficam somente no âmbito bíblico e por causa do confronto de ideias dessas definições estimula-se à constante procura para saber onde teve o início dessa forma de expressar pensamentos.

O público alvo são as pessoas que compartilham sobre a vida cristã onde estão baseadas no Evangelho de Jesus. No Evangelho de Jesus encontram-se muitas pregações em que os entendimentos são demonstrados em forma de parábola. A pregação da parábola base é confrontar uma realidade paralela com uma nova forma de enxergar uma “realidade” mais humana.



DESENVOLVIMENTO

A pesquisa procura demonstrar que uma parábola não é uma propriedade do judaísmo ou de qualquer outra denominação do “*mashal*” para “parábola”, mas provém dos helênicos, principalmente nos estudos de Aristóteles e nas obras de Homero com *Ilíada e Odisseia*. A compreensão da Parábola como um gênero literário adquire forma a partir do Novo Testamento, com uma narrativa curta e alegórica (PENTEADO, 2010, p.12).

O *mashal* pode assumir forma similar aos da parábola. O gênero literário do discurso parabólico é antigo e atestado no AT, pois existem alguns exemplos de parábolas semelhantes às dos rabinos no NT e, certamente, nesses casos poucos exemplos são chamados de *mashal*. O mais conhecido é a parábola de Natã (2Sm 12,1-4).

Segundo o Hauck (1979, p.747) o provérbio *Mashal*, recebido da literatura sapiencial é um crescimento exuberante, e a parábola torna-se significativamente uma importante forma de texto profético. As parábolas rabínicas são curtas, não importando, então, distinguí-las entre parábolas, metáforas puras/ mistas.

As parábolas rabínicas são muito próximas às encontradas nos sinóticos. Elas são normalmente identificadas por seu contexto, usando algum tipo de saudação como o seguinte: “O que parece ser essa coisa?” ver Mc 4,30, Lc 13, 18 e Mt 11,16.

Como regra, a frase explicativa direciona a atenção para um ponto de comparação, mas na própria natureza das coisas uma ação tem várias características, que tornarão subordinados os pontos de comparação. Entre rabinos existem algumas parábolas com dois clímaxes,¹ o que torna a comparação mais complicada.

Não há dúvida de que estas parábolas (Mc 4,30, Lc 13, 18 e Mt 11,16) são projetadas para elucidar questões difíceis, mas isso não exclui o fato de que elas às vezes têm uma forma oracular,² uma vez que o sábio semita gosta de falar em comparações de forma não totalmente clara como um estímulo para a perspicácia dos seus ouvintes.

Segundo Hauck (1979, p.747), o *mashal* é encontrado na forma de uma comparação desenvolvida, à semelhança “*similitude*” entre a parábola e seu significado. Este gênero é atestado no início de Israel, apesar de existir, provavelmente por acidente – a palavra *lv*);m nunca é encontrada em associação. O exemplo mais conhecido é o de Natã em 2Sm 12,1-4.

O estilo épico³ também evidencia que os Evangelhos têm unidade estilística independente e que neste estilo as parábolas ou semelhanças se entrelaçam estilisticamente no fluxo da fala, de discurso. Nesse sentido, na Grécia clássica se destaca especialmente o de Homero.

Estas figuras de linguagem nascem pela inclinação da ilustração animada poética e chegam a certa independência em relação à narrativa, para ilustrar eventos de histórias do poeta para plateia.



Segundo Hauck (1983, p.449) está mencionado o Homero com os poemas a *Ilíada* e a *Odisseia*, sendo que a primeira, *Ilíada*, contém 189 parábolas puras e a *Odisseia*, cerca de 40 parábolas.

Segundo o Sant'Anna (p. 33) na obra *Ilíada*, no canto II, versos 87 a 93 têm a seguinte parábola:

Do mesmo dos, sem pausa, se seguem, e umas, pendentes em cachos, à volta se ficam das flores, desta maneira afluíram das tendas e naves simétricas povos sem conta, ao comprido da praia do mar, mui profunda, para a assembleia.

Segundo o Sant'Anna (p. 42) na obra *Odisseia*, encontram-se comparações alargadas, verificando se existe algum fragmento chamado de parábola, no início do Livro II, quando se convoca uma assembleia, Homero descreve a aparência de Telêmaco, seu filho assim:

Veste-se a luz da dedirrossea aurora. Sai da alcova o amadíssimo Ulisseida ao tiracolo a espada e aos pés sandálias, fulgente como um deus, expede arautos a apregoar e a reunir os Gregos. De hasta aênea, ao congresso alvoroçado, não sem dois cães alvíssimos, se agrega: Minerva graça lhe infundiu celeste. Seu porte e ar admira o povo inteiro; cedem-lhe os velhos o paterno assento.

Nota-se que o artista é importante, além de seu poder descritivo, o estado de espírito que estes números muitas vezes servem para perceber e entender as coisas espirituais por falta de termos abstratos apropriados (SANT'ANNA).

Quanto mais a comparação é estendida, maior o seu valor comparativo. A poesia gnômica⁴ ama sua semelhança. A linguagem poética de Platão contém muitas semelhanças que se acaba de mencionar o ensino gliservono mais extenso de exemplos para esclarecer o encontro de uma declaração dada.

A utilização do mito distingue dos comediantes que utilizam fábulas, usando ilustrações com vida dos animais, e o mito mostrando a gravidade da esfera da vida humana, mesmo diatriba estoico e cínico contém diversas figuras e metáforas tomadas de muitas áreas diferentes, que servem para esclarecer o pensamento filosófico feito no início, e depois é esclarecido pela similaridade.

A capacidade humana de ver as semelhanças se dá a eficácia da comparação, pois a parábola é baseada na/em conclusão por analogia. Muitas vezes, o *comparationis tertium* não é explícito e deve ser aproveitado pela compreensão e reflexão do ouvinte em si.

A etimologia da palavra *parábola*, segundo Rusconi (2003, p. 350), é uma composição de duas outras palavras para, (genitivo) definido como: a partir da proximidade de uma pessoa, "de", "de lado", "a partir" e bolh, (substantivo) deverbativo⁵ da palavra ba,llw (verbo) definido como: o poderoso movimento de "jogar" ou "impulsionar" (KITTEL,



1964, p.526), formando a palavra parabolh, deverbativo do verbo paraba,llw definido como “lançar diante” (RUSCONI, 2003, p. 350).

A junção resulta parabolh,, um substantivo com o significado de “comparação”, “analogia”, “exemplo”: como se vê em Mt 24,32 quando colocado ao lado uma comparação dos ramos que renovam e as folhas que brotam com uma estação específica (primavera) indicando que o verão está próximo.

Nos dicionários teológicos, as parábolas são tratadas como gênero literário, porque os pesquisadores na área da teologia tratam como fossem. Essa procura sobre a definição se trata de gênero literário, ou não é para enquadrar a parábola num parâmetro dentro do âmbito literário.

A relação do problema com o gênero literário está na falta de definição da parábola no mundo acadêmico, e a pesquisa bibliográfica é para definir, no capítulo I, o que vem ser uma parábola. O tema da tese é a “parábola da rede” do Mt 13, 47-50 sem uma definição do que trata uma parábola no âmbito literário, mas somente no âmbito teológico, quando se interpreta essa parábola fica-se na superficialidade tratando-se apenas como uma comparação. No entanto, tendo uma definição clara do tratar de uma narrativa, a sua interpretação tem um peso acadêmico literário para abordar esse tema.

A classificação das obras literárias é feita de acordo com critério semântico, sintático, fonológico, formal, outros, e dividida em três grupos: narrativo ou épico, lírico, e dramático a partir dos filósofos da Grécia antiga: Platão e Aristóteles. Dentro da classificação o que será abordado é o grupo da modalidade textual pertencente ao gênero narrativo ou épico que são os romances, fábulas, épicos, novelas, contos, crônicas.

Consideramos a parábola como sendo um gênero literário, uma vez que não faz parte da classificação das obras literárias. Aqui estão todos os argumentos reunidos para demonstrar como tal é demonstrada por Sant’Anna⁶, argumentando que somente no Novo Testamento a *parábola* assume critérios literários bem definidos. Pensamento semelhante apresenta também o Garrido:

Linguagem característica de Jesus são as parábolas. Para falar do Reino e sua missão, Jesus recorreu-se para diferentes gêneros: anúncios proféticos, bem-aventurança sapienciais, comentários de texto, discursos, exortações, mas pode dizer que as parábolas são seu gênero literário favorito. Nelas sintetizam o seu conhecimento da vida e revelam a personalidade de Jesus. Ouso dizer que, as parábolas, Jesus não só foi um grande criador do gênero literário, mas encontrou o gênero literário adequado para expressar o Reino. A Palavra, o conteúdo e a missão formam a unidade original. É por isso que são atuais e tem a virtude de transmitir o conhecimento de Jesus.⁷(GARRIDO, 2006, p.134)

Continuado o pensamento de Garrido, pode-se observar que a sua utilização no “falar bem”, onde todo o discurso torna-se uma “retórica”, uma linguagem que coloca ao lado uma realidade atual conhecida com algo “novo” ou, até mesmo, incompreensível na época que está ocorrendo o discurso. Conforme Fischer:



De maneira mais simples, a parábola é uma metáfora ou símile extraído da natureza ou da vida cotidiana, prendendo o ouvinte por meio de sua linguagem vivida ou da sua estranheza, e deixando a mente dele com dúvida suficiente sobre a sua aplicação precisa, a fim de estimulá-la a um pensamento ativo. (FISCHER, *The Parables of Jesus*).

A procura de uma definição de um texto ou uma palavra é uma meta para ter certa cumplicidade com outros autores para a defesa da tese, permitida a possibilidade de argumentação com base acadêmica. O objetivo para que todos entendessem a sua pregação tinha um destino: que todos se convertessem deixando de se preocupar com coisas materiais deste mundo como está na definição do Hauck⁸ e do Sant'Anna.

Tendo já esclarecido, que pode se tratar de um gênero literário, há possibilidade de outros pesquisadores ou utilizadores de parábolas para sua retórica ou pregações com utilização do gênero literário instituído como parábola, como fazem os que utilizam de outros gêneros literários.

No livro “O gênero da parábola”, segundo o Sant'Anna (2010, p.11) diz-se que existe uma lacuna na língua portuguesa na conceituação e caracterização da *parábola* como sendo gênero literário. Nesse mesmo livro, Sant'Anna procura a conceituação do gênero literário da parábola na literatura clássica grega buscada no dicionário *THEOLOGICAL DICTIONARY OF THE NEW TESTAMENT*, de Bromiley. Aqui se pode acrescentar a pesquisa no dicionário *GRANDE LESSICO DEL NUOVO TESTAMENTO* de Kittel, onde ambos os dicionários trazem entendimentos das características e dos conceitos sobre a *parábola* bíblica.

Esses dicionários tratam a *parábola* como gênero literário, partindo da Grécia Antiga onde se explica o sentido do substantivo *parabolh*, com as seguintes definições: colocando ao lado ou comparando, e *paraballein* com as seguintes definições: para colocar ao lado, comparar; σύγκρινεις como comparar; e neste ponto o dicionário expõe que na retórica a palavra *parábola* é usada como: similitude, parábola. Com a ajuda desses dicionários teológicos do Novo Testamento, mostra-se que o gênero literário já era utilizado nas literaturas da Grécia antiga e nos textos do AT na Septuaginta. A palavra *parábola* também é utilizada nos termos técnicos em outras ciências como na matemática, na astronomia, na geometria, ou até em investimento financeiro.

Na Grécia Antiga, a retórica utiliza do substantivo *parabolh*, como se pode ver na definição com significado de similitude ou parábola ganhando mais abrangente significação de comparação. E assim a literatura grega estabeleceu o significado e semelhanças entre os elementos de comparação. A retórica era utilizada intensivamente na pregação de Jesus como uma forma de comunicação, uma linguagem que compara uma realidade da época com algo novo, ou incompreensível para o ouvinte dessa época.

As características da retórica se apresentam como:

Uma figura de discurso curto utilizando-se da partícula comparativa *eivkw.n* (substantivo) com significado de semelhança ou imagem. Junto aos itens abaixo, esse substantivo



aparece em escrita grega, assinalado em negrito, para realçar esse substantivo: Efigie em Mt 22,20; Mc 12,16; de ídolo em Ap 13,15; do homem em Rm 1,23; do filho em Rm 8,29; do pai em Cl 1,15; da réplica, cópia em 1Cor 15,49; de imagem em 1Cor 11,7.

Metáfora ⁹ não-litera sem a partícula metáfora : Que significa translato – “O leão de Aquiles”;

Catacrese: comparação de uso comum - “asa de uma porta”, “coração do Brasil”;

Comparação – ὁμοίωσις : Que significa símile, semelhança se vê em Tg 3,9;

Similitude¹⁰: a palavra parábola como similitude significa uma comparação entre duas coisas ou processo de diferentes áreas e quando colocadas lado a lado e em virtude de haver semelhança do desconhecido considera como algo ou coisa conhecida pela analogia ou forma. Diferente da parábola em que não há essencialmente um ponto de comparação é *tertium comparationis*¹¹.

Alegoria: de acordo com o dicionário do Grego do Novo Testamento (2003, p.33) define-se como resultante da composição de a;lloj e avgoreu,w falar alegoricamente em assembleia. Aqui tem a;lloj que significa outro, sem distinção e avgoreu,w significa explicar em assembleia dos cidadãos ou em reunião de soldados e essa assembleia se dava na praça, no mercado, no centro da cidade, ou no campo.

Segundo Hauck, a alegoria é um discurso feito artificialmente com uma série de metáforas, onde cada metáfora deve ser compreendida e interpretada individualmente. Segundo o DICIONARIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO¹² (Vida Nova) define-se a avllhgore,w como uma composição da avlla, e avgoreuô = alegoria é uma história inventada quer “dizer alguma coisa diferente” (ZABATIERO, 2000, p.1570). A utilização dessa alegoria se vê em Gl 4,24ss.

A viabilidade da execução de pesquisa para ter ideia clara que se trata de um gênero literário é necessário fazer uma ampla consulta a todos os especialistas e doutores na área de literatura e a Academia de Letras dá uma classificação sobre o gênero “parábola”. Outra forma é basear-se em dicionários teológicos que definem como um gênero literário a partir do Novo Testamento, onde adquire forma de um narrativo curto ou alegórico, mas segundo Hauck a παραβολή utilizada nos Sinóticos corresponde plenamente ao amplo uso de lv);m);- parabolh, do AT e da literatura rabínica.

Nos sinóticos παραβολή significa:

- a) Um ditado curto, o qual é combinado com uma comparação ou figura de linguagem, em Mt 15,15 em relação a Mc 7,17 ao dizer em v.11;
- b) Um ditado proverbial, Lc. 4,23;
- c) A parábola, Mt 13:3, 18,24,31,33,53; 21:45; Mc. 3:23; 4:2, 10, 13,30; Lc. 6:39; 8:4,9, 11; 12:16

A parábola, no sentido do NT é mais do que uma metáfora (Mt 16,6) ou pura semelhança ou símile¹³ (Mt 10,16; 13,43), mas sim é um discurso figurativo que expressa a verdade de



uma área conhecida da vida ou da natureza humana. Trata-se de uma similitude independente, na qual uma verdade evidente, ou aceita a partir de um campo conhecido (a vida, a natureza humana) é projetada para estabelecer ou ilustrar uma verdade nova na pregação de Jesus (Reino de Deus, a natureza de Deus e da ação, a piedade - *em que a base do pensamento simbólico moderno alarga a definição para cobrir toda a Bíblia*).

Diante desta definição compreende-se a parábola mais que metáfora, no entanto para Julicher¹⁴, a metáfora constitui o procedimento retórico da alegoria: o modo como Marcos e a primeira igreja interpretavam as parábolas, assim sendo metáfora é a substituição de palavras com uma coisa similar.¹⁵ Quanto a formas das parábolas no NT seriam ao lado, ou seja, comparação, semelhança, similar, equivalente, provérbio e metáfora.

A característica da parábola é o fato de ser uma narrativa curta, desempenhando funções no interior de um discurso em forma de e;poj^{16,17} *que muitas vezes apresentam traços secundários adaptados a uma imagem*.¹⁸ “As imagens usadas nas parábolas, quando muito, despertam interesse histórico; teologicamente elas são terreno neutro. Deus e o mundo da vida real encontram-se lado a lado sem relação de conteúdo.”¹⁹

Outra característica de acordo com Jeremias²⁰ é entender como *orientação para a conduta da vida* e a outra característica de acordo com Bailey, que a parábola é composta de três partes: 1. A narrativa propriamente dita; 2. A resposta dos leitores ou ouvintes; 3. Reflexão sobre temas teológicos que estão na base dessa resposta.

CONCLUSÃO

A parábola é um gênero literário e essa afirmação baseia-se exclusivamente nas pesquisas bibliográficas realizadas. A forma de colocar ao lado ou comparar, pode-se definir que houve uma evolução para um gênero literário passando a ser conhecida como *parábola*, alegoria, como se vê em Mt 13,3 quando compara a ação do semeador com a escuta da Palavra de Deus, e em Lc 4,23 utilizando de dito, provérbio, máxima, expõe qual deve ser a atitude da ação de um médico.

A diferença entre as parábolas rebuscadas de difícil compreensão e as adaptadas a uma imagem está na apresentação que é uma forma narrativa como se pode ver em Marcos e Lucas; Mc 4,3-9; Lc 11,5-8, 13,6-9, 18,1-8.

O acesso às parábolas é um passo na superação da diferenciação entre metade-imagem e metade-objeto e a resposta e a reflexão sem precisar da metade-objeto implícita, pois vem da vivência dos leitores ou ouvintes. O conteúdo da narrativa é um meio de levar os leitores ou ouvintes a uma nova compreensão.²¹

As parábolas narram o que todo mundo não o faz, mas o que cada um devia fazer de concreto gerando o resultado da sua ação. As histórias sempre utilizam tempos verbais no pretérito perfeito (Mc 4,3-9 – ...Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear... Mt 21,39 ... E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha, e o mataram... 22,2 ... O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho... 25,1 ... Então, o Reino dos



Céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo...)

A metodologia utilizada para essa pesquisa foi análise morfológica da palavra parábola em vários dicionários e de forma intensiva em dicionários teológicos, concentrando-se exclusivamente em achar o sentido da palavra parábola.

Com base nessa experiência e apoiando-se na literatura específica do assunto, procurei caracterizar como os autores atuais elucidam a questão da construção do texto.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, George W.; CAZELLES, Henri et alli. Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament. Traduzido por Liborio Ascutto. Grande Lessico Dell'antico Testamento. Brescia: Paideia, 2005.

BERTHOLD, Altane; STUIBER, Alfred. Patrologie – Leben, Schriften und Lehre der Kiercherzv?ter. Traduzido por: Monjas Beneditinas. Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

Bíblia de Jerusalém. 2. ed.. Rev. amp.. São Paulo: Paulus, 2003.

BOTTHERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef. Theological Dictionary of the Old Testament. Traduzido por David E. Green. W.Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament. Eerdmans: Michigan, 1998. Vol. IX.

BROWN, Raymond E. An introduction to the New Testament. Tradução por: Paulo F. Valério. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2004.

BUSCONI, Carlo. Dicionário do Grego do Novo Testamento. Tradução por: Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus. São Paulo: Paulus, 2002.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. Traduzido por Gordon Chown. Dicionário Internacional de Teologia do NOVO TESTAMENTO. 2. ed. São Paulo: Vida Nova. 2000. Vol. I.

DROBNER, Hubertus R.. Lehrbuch der Patrologie. Traduzido por Orlando dos Reis. Manual de Patrologia. Petrópolis: Vozes, 2003.

DONAHUE, John R. The Gospel in Parable: Metaphor, Narrative, and Teology in the Synoptic Gospels. Philadelphia: Fortress, 1998.

EGGER, Wilhelm. Metodologia do Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.



FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard et alli. Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament. Traduzido por Geoffrey W. Bromiley. Theological Dictionary of the New Testament. Michigan : Eerdmans, 1979. Vol. I.

_____.Vol. V.

FRIEDRICH, Gerhard; KITTEL, Gerhard et alli. Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament. Traduzido por Giovanni Torti; Ugo Argenti. Revisado por: MARCHI, Valentino de; SOFFRITTI, Omero; ZUCHELLI, Bruno. Grande Lessico del Nuovo Testamento. Brescia : Paideia, 1965. Vol. IX.

GARRIDO, Javier. El camino de Jesús. Spain: Sal Terrae, 2006.

GNT. Online Greek New Testament. Disponível em: <<http://bibliaemgrego.blogspot.com/2010/03/novo-testamento-em-grego.html>>. Acesso em: 12. 03. 2011.

GNT. Online Greek New Testament. Disponível em: <<http://wesley.nnu.edu/gnt/>>. Acesso em: 06.03.2011.

GOURGUES, Michel. Parábolas de Jesus em Marcos e Mateus. São Paulo: Loyola. 2006.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. Theological Wordbook of the Old Testament. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo et alli. São Paulo : Vida Nova, 2008.

JEREMIAS, Joachim. As parábolas de Jesus. 10^a Ed. São Paulo: Paulus. 2007.

JEREMIAS, Joachim. Teologia do Novo Testamento. Hagnos, 2008.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament. W.KOHLHAMMER: STUTTGART, Vol. V

MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. 7. ed. São Paulo: Paulus. 1984.

MEDEIROS, João Bosco. Redação Científica. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

NEVES, Joaquim Carreira das. Evangelhos Sinópticos. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.

NICKELSBURG, George W. E.. Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná. São Paulo: Paulus, 2011.

Novum Testamentum Greece. 27^a Ed. Stuttgart: 2004.

PESCUA, Derma; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. Referências Bibliográficas – Um guia para Documentar suas Pesquisas. 6. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

RAHLFS, Alfred. Septuaginta. Deutsche: Germany, 1979.

RICOUEUR, Paul. L'herméneutique biblique. Traduzido por: Paulo Menseses. A hermenêutica bíblica. São Paulo: Loyola. 2006, 325p.

RUSCONI, Carlo. Vocabolario del Greco del Nuovo Testamento. Traduzido por Irineu Rabuske. Dicionário do Grego do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2003.

SACCONI, Luiz Antonio. Gramática para todos os cursos e concursos. 4. Ed. São Paulo: Nova Geração, 2012.



- SANT'ANA, Marco Antônio Domingues. O gênero da parábola. São Paulo: Unesp, 2010.
- SCHMOLLER, Alfred. Pocket Concordance to the Greek New Testament. Deutsche: Germany Bible Society, 1989.
- SCHOTTROFF, Luise. As Parábolas de Jesus: Uma nova hermenêutica. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 304p.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. Metodologia de exegese bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000.
- STERN, David. Parables in Midrash. Narrative and Exegesis in Rabbinic Literature. Cambridge, Mass: London: Havard University Press, 1991.
- SWETNAM, James. Gramática do Grego do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2002. 451p.
- The New Jerusalem Bible. New York: Doubleday, 1990.
- WEGNER, Uwe. Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia. 6ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009. 414p.
- WEREN, Win. Métodos de exégesis de los evangelios. Traduzido por: Xabier Pikaza. España: Verbo Divino, 2003.

* Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia N.Sra. da Assunção; mestrando em Pós-graduação em Teologia na PUC/SP (sanoky@uol.com.br).

¹ No entanto, na literatura sempre tenho encontrado "clímaxes" (nunca "os clímax") como plural de "clímax". Claro que há uma variante de "clímax" que é "clímaxe". O plural de "clímaxe" não deixa quaisquer dúvidas: é "clímaxes"; mas estou a referir-me especificamente ao plural de "clímax".

² Vontade de Deus anunciada pelos profetas. Falar como um oráculo, falar pertinentemente, falar muito bem, dizer coisas verdadeiras. Na antiga Grécia e em Roma, era a resposta à pergunta feita a um deus. A palavra pode, também, significar o sacerdote ou outros recursos através dos quais a resposta era dada. Também designa o lugar em que a resposta era dada. Os dois oráculos gregos mais conhecidos eram o de Apolo, em Delfos, e o de Zeus, em Dodona.

³ Estilo da época, o qual denota a situação, costumes e cultura.

⁴ gnômica [noh-mik], caracteriza-se pela expressão da sabedoria popular na forma condensada de provérbios ou aforismos, também conhecido como gnomos. O termo foi usado pela primeira vez nos 'Poetas Gnomici' no sexto século aC na Grécia, embora haja tradições mais antigas da escrita *gnomic* em culturas chinesa, egípcia, e outros, o livro hebraico de Provérbios é uma coleção bem conhecida. O termo é muitas vezes estendido aos escritos posteriores, em que as verdades morais são apresentadas em máximas ou aforismos. Disponível em: < <http://www.answers.com/topic/gnomic#ixzz1ISRumv8V> >. Acesso em 04.02.2012

⁵ Adj. e s.m. Gramática. Diz-se da palavra, ou a palavra derivada que resulta da "redução" da derivante, por isso que a esta se subtrai um segmento terminal, como, p. ex., choro(ô) (de chorar), toque (de tocar), compra (de comprar), sarampo (de sarampão). (A esse tipo de derivação também se chama regressiva, e, mais particularmente, deverbativo, em razão de ter grande produtividade na criação de substantivos tirados de verbos.) Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/deverbal/>>. Acesso em 19/02/2012.

⁶ SANT'ANA, Marco Antônio Domingues. O gênero da parábola. São Paulo: UNESP, 2010.

⁷ GARRIDO, Javier. *El Camino de Jesus*, p. 134.

⁸ Hauck, Theological Dictionary of the New Testament. Eerdmans: Michigan, 1979. Vol. V.

⁹ A mais famosa figura de linguagem, a metáfora é, assim como a metonímia, uma figura de palavras - isto é, o efeito se dá pelo jogo de palavras que se faz na frase. A metáfora consiste em retirar uma palavra de seu contexto convencional (denotativo) e transportá-la para um novo campo de significação (conotativa), por meio de uma comparação implícita, de uma similaridade existente entre as duas: - Buscava o coração do Brasil. Ora, o Brasil não possui o órgão biológico em questão. Portanto, coração significa aí o centro vital, a essência, o âmago do país. - Achamos a chave do problema. O problema não é nenhuma fechadura, mas para



resolvê-lo (ou abri-lo) o elemento que se diz ter achado é tão necessário quanto uma chave para abrir uma porta. Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/portugues/metafora.jhtm>>. Acesso em 05.01.2012.

¹⁰ Comparação desenvolvida em pequeno conto, no qual se encerra uma verdade, um ensinamento. Trata-se de uma história curta, cujos elementos são eventos e fatos da vida cotidiana. Esses acontecimentos ilustram uma verdade moral ou espiritual contida na história. Os escritores gregos e latinos usaram a parábola, mas seus exemplos mais perfeitos são os encontrados na Bíblia. Cf. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/parabola/>>. Acesso em: 05.01.2012.

^{11c} *Tertium comparationis* (Latim = a terceira [parte] da comparação) é a qualidade comum de duas coisas que estão sendo comparadas. É o ponto de comparação que levou o autor a comparação em questão para comparar a alguém ou algo a alguém ou algo mais em primeiro lugar. Se uma comparação visualiza uma ação, estado, qualidade, objeto ou uma pessoa por meio de um paralelo que é desenhado para uma entidade diferente, as duas coisas que estão sendo comparadas necessariamente não devem ser idênticas. No entanto, eles devem possuir pelo menos uma qualidade em comum. Esta qualidade comum tem sido tradicionalmente referida como *tertium comparationis*. Os dispositivos mais utilizados para alcançar esse objetivo são metáforas e comparações, especialmente, mas não exclusivamente, em linguagem poética. Como em muitos casos, um aspecto da comparação está implícito em vez de explícito, a parte oculta será superfície se a comparação é apresentada sob a forma de um matemático ratio.” Cf. Disponível em: < http://www.fact-index.com/t/te/tertium_comparationis.html >. Acesso em 17.01.2012.

¹² COENEN, Lothar; BROWN, Colin. Traduzido por CHOWN, Gordon. Dicionário Internacional de Teologia do NOVO TESTAMENTO. 2. ed. Vol. II, p. 1567.

¹³ Símile s.m. Analogia, semelhança entre coisas diferentes. Retórica. Comparação ou confronto que se estabelece entre dois seres ou fatos em que o espírito percebe alguma relação de similaridade; comparação. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/simile/>>. Acesso em 07/02/2012.

¹⁴ JULICHER, Adolf. Die Gleichnisreden Jesu.

¹⁵ SCHOTTROFF, Luise. As Parábolas de Jesus : Uma nova hermenêutica, p.114

¹⁶ Introduzir uma outra maneira de dizer algo.

¹⁷ SANT’ANA, Marco Antônio Domingues. O gênero da parábola. p. 157.

¹⁸ Imagem caracteriza-se por fazer comparações diretas e apresentam enunciados claros e compreensíveis. Jesus a utilizou em suas pregações.

¹⁹ SCHOTTROFF, Luise. As Parábolas de Jesus : Uma nova hermenêutica, p.113.

²⁰ JEREMIAS, Joachim. As parábolas de Jesus, p.40.

²¹ SCHOTTROFF, Luise. As Parábolas de Jesus : Uma nova hermenêutica, p.115.